

ALVORADA

SEMANÁRIO REPUBLICANO

N.º 256 do 6.º Ano—N.º 6

Editor, Abel de Vasconcelos Cardozo

Director e proprietário, A. L. de Carvalho

S. da R., Capitão L. A. Pina Guimarães

Redacção e administração, Rua da República

Guimarães, 21 de Outubro de 1915

Comp. e impressão, Tip. Minerva Vimaranesa

Um ministério de força

Tem defendido o *Século*, traduzindo uma corrente da opinião pública em Lisboa—o centro mais fértil em cavaqueira política, a ideia da formação imediata dum ministério de força.

Toca assim a rebater duma crise ministerial, que, em outros diversos sintomas aliás se conhece, mas cuja solução é fácil prever, desta feita, dada a existência duma nova e forte maioria parlamentar a que, seja qual for o arranjo, tem iniludivelmente de obedecer-se. Além de que é muito possível querer o Presidente da República mostrar também desde já a sua orientação, dentro dos limites constitucionais, atendendo às crueis dificuldades que embaraçam a nossa vida económica e financeira e dando à política externa, a mais difícil de todas neste momento, uma definição clara.

Sómente o que não compreendemos bem neste desejo do *Século*, vivamente demonstrado desde Setembro, antes da posse do illustre estadista Dr. Bernardino Machado, é o que seja um ministério de força, ou mesmo qual seja a força, sua natureza e destino, do novo ministério.

E' indiscutível que a maioria do país se manifesta sobretudo partidária duma política de confraternização, pondo termo aos erros e desvairamentos políticos que prometem, não sustados a tempo, dissolver os próprios sentimentos da dignidade pessoal nesta feira de disputas, neste arraial da pancadaria em que temos andado loucamente envolvidos, como se não houvesse mais que fazer. Se a força, que o *Século* exige no ministério a subir ao poder, é a que se necessita para levar a cabo essa obra, que muito depende de tino e energia, estamos de acôrdo; mas se a força é mais um incentivo às paixões, fiquemos na certeza de que estamos preparando ao nosso futuro a mais desoladora ruína, a duma luta civil latente, surda, indominável, envenenando todas as relações, degradando todos os actos da vida, metida em nossa casa, na rua por onde passamos, na mercearia onde mandamos às compras, no café onde vamos ler o jornal, fixando residência, na terra da ignorância e da fome, de duas famílias rivais em conflitos constantes.

O nosso povo tem dum ministério de força o pior prejuizo—é o fisco levando-lhe os últimos vintens dum suado labor ingrato, é o regedor em intimações vexatórias, é a policia e a guarda numa guerreira atitude ofensiva—e o que elle mais desejava é que o ministério tivesse a força... de se não fazer sentir.

O povo tem razão. A sua vida atravessa uma crise angustiosa. Para Africa tem saído, muitos especialmente desta região, o melhor sangue da mocidade, do trabalho, da esperança. São filhos, pequenas crianças, lançadas na incerteza duma forçada e muito embora passageira orfandade, noivas e recém casadas na tristeza dum sonho repentinamente desfeito em lágrimas, são velhos pais sem um ânimo, mais entrevados ainda pelo pavor e desamparo na invalidez. Levam saudades os que partem, mas os que ficam ansiosamente interrogam quando, até quando terão ainda um pão para comer.

Nada pode fazer por si um ministério por maior que seja a sua força, pois que o mais urgente e o que é na verdade indispensável—à nossa própria vida—depende do concurso de todos.

Que o ministério tenha, pois, muita força de tino para que assim, levando a confiança nos que sofrem, possa servir de estímulo aos que tem o dever patriótico de trabalhar pela família, o pão de cada dia, pela pátria, o dia de amanhã.

ECOS

Pevidém

Vimos, pelo extracto da sessão de câmara, que o inspector das escolas móveis perguntou à mesma quais as localidades que mais precisam destas escolas.

Estamos convencidos que na resposta foram decerto indicadas, entre outras localidades, as importantes povoações do Pevidém, S. Torquato, Taipas, Viçela—pondo em primeiro lugar o Pevidém, pois não conhecemos população que, como este importantíssimo centro industrial, mais precise do alto benefício duma escola nocturna.

E' que sempre que uma escola se abre, fecha-se... uma taberna!

Profetas baratos

O «Echos...», pelo carrilhão da «Lucta», toca a rebater em salvação das finanças do Estado. Não se dirá que este semanário monárquico não seja movido por um lial e grande... furor patriótico. Não se dirá tal coisa! Apenas elle próprio é obrigado a reconhecer que para avisar dos perigos da República cá temos os partidos republicanos da opposição.

A ideia monárquica não ringa nem faz falta, como vê.

Mais um

Surgiu um novo colega local. Chama-se «Vimaranense» e diz-se independente. Por hábito de experiência feito, nunca ligamos grande importância a estas anticipadas declarações. O espirito de independência é um attributo que se mostra mais nos factos que nas palavras. Seja ao menos um bom jornal—como o foi o antigo «Vimaranense». Será então bem-vindo.

—Vamos permutar.

Contrastes

«A imprensa é a imensa locomotiva do progresso, que leva a humanidade para a terra de Canaan»—disse Victor Hugo.

«E quantas vezes a imprensa, representada em certos jornais, é a carroça do lixo arrastando a humanidade para montureira da história!»

Quantas vezes!...

Feira da ladra...

O papel dos governos é sustentarem-se no poder. O «mot d'ordre» dos partidos da opposição é deitarem-no abaixo.

Sabido isto, ficam em boa parte explicadas as causas porque tanto ruge a procela contra os que estão de cima.

Sempre que estes, os adversários, fazem contas, há, com certeza, engano na soma,—pela soma de exagero e paixão com que escrevem e falam.

Tiremos com calma a prova real e emendemos o que pode e deve ser emendado.

Desassociando

Não compreendemos que espécie de propaganda é essa dos católicos, que, no intuito de chamar ao seu grémio adeptos, se intrometem nas classes, desunindo os seus elementos.

«Pois o que é isso de Circulos de Operários Católicos, Associação de Médicos Católicos e essa agora Associação de Caixeiros Católicos que pretendem fundar no Porto?»

Que o espirito associativo anime os católicos a organizarem-se em batalhão sagrado, é licito admitir-se, e tem toda a razão de ser numa época em que só triunfa quem for unido. Vai, todavia, enorme diferença entre este unir fileiras de todos os irmãos no credo, áquilo que os católicos andam a fazer—desagregando as classes, lançando no seio delas a discordância—esse pómo terrível das lutas políticas e religiosas.

Não lhes bastavam as «Juventudes Católicas», numa amálgama de velhos e moços, e querem agora... caixeiros de batina e caldeira!

«Sempre o diabo... dos católicos «ortodoxos» não tem sono!»

Bairrismo... desaliado

Viçela, Figueira da Foz, Porto e outras terras mais, dizem-se aptas a receber para tratamento os feridos da guerra.

Se os feridos da guerra decidissem, decidiam-no pela sua aldeia... com o Kaiser enforcado á sua porta.

Grande guerra é a vida!

As tabelas

Uma comissão nomeada pela Câmara está encarregada de fixar os preços para a venda dos géneros de consumo alimentar. O pão, os ovos, as carnes e a batata já tem tabela, com a qual nem todos estão de acôrdo. E' natural a divergência de pareceres.

Muito seria, todavia, de convir que as comissões centrais mais rigorosamente olhassem para os grandes armazenistas, especialmente da mercearia.

«Há fortunas que se fazem á custa da miséria do povo, e há comissões centrais tam miseráveis que fecham os olhos a isto!»

Mas que os «almotacés» locais vão, ao menos, até onde possam. Lembremos aos de cá que também vale a pena olhar para o preço do peixe e da sardinha—quando chega o mar á terra.

Filosofia

E' notório que o actual Presidente da República costuma rodear-se de gente moça, sendo elle um velho. Numa democracia nascente são efectivamente os novos quem lhe deve imprimir carácter.

A experiência da velhice faz bem o estímulo da mocidade. Uma á outra se completam e ajudam. Chamem embora a isto—filosofia de trazer por casa.

Pela amostra

É frequente ver-se no «Echos...» tratar os homens políticos da República por alcunhas tendenciosamente deprimentes. Dir se há que é isso da costumeira política e que não tem o caso importância, mais se acrescentando que outro tanto fazem certos jornais republicanos.

Pois sim: mas se o «Echos...» é um jornal católico, escrito por católicos, assinado por católicos, quem que é então que difere a sua moral da moral dos piores?

CRÓNICAS FEMININAS

A MULHER CASADA

A mulher casada precisa de ter um cuidado escrupuloso na sua toilette. Não queremos dizer que precise de andar sempre com vestidos muito elegantes, variados e luxuosos: a sua coqueterie deve ser outra.

Deve evitar sempre de apurecer ao seu marido mal arranjada ou com uma toilette pouco cuidada. A sua camisa de noite pode ser simples, mas dum excedível aceio, cheirando bem a frescura, nos perfumes sadios que se metem nos armários da roupa lavada.

O cabelo arranjado para a noite, mas procurando-se a maneira de que fique bem ao parecer, sem o erro gravíssimo dos papalotes, dos bigodis, de qualquer preparo ridículo para o penteado do dia seguinte.

De manhã evitar o desalinho da primeira toilette, o aspecto, mole, embaciado, com que geralmente se sai da cama. Nunca sair do quarto de toilette sem fazer grandes lavagens e sem se pentear.

Depois pode enfiar uma robe-de-chambre ampla, que dispense mais demoras e ir assim cuidar dos seus primeiros arranjos da sua casa.

A robe-de-chambre não precisa de ser rica; mas deve de ser elegante e agradável á vista.

Quando o marido sai do quarto e encontra a sua mulher, é indispensável que tenha sempre dela uma impressão de frescura, de harmonia, de ordem, que lhe venha dela com a côr sadia da sua pele, com o bom cheiro a sabonete das recentes lavagens, uma segurança de asseio moral, de actividade, de coragem que o anime para todo o seu dia de trabalho.

Quantas vezes as mulheres, que se queixam do desapêgo dos seus maridos, forjaram elas próprias esse desapêgo pelo trabalho lento mas seguro da sua indolência! Do cabelo despenteado, da falta de asseio, na sua pessoa, durante as primeiras horas do dia, no desalinho das toilettes caseiras, apresentando facto fora da moda, feio, desbotado, encolhidol!

A mulher que sai do seu quarto de toilette bem arranjada, bem penteada, bem lavada, tem sobre os filhos e sobre os criados uma outra autoridade.

O arranjo e o cuidado externo da sua pessoa impõe-se ao respeito das crianças e dos criados, é um grande obstaculo á familiaridade destes íntimos e um excelente exemplo de ordem para os primeiros.

Além disso a mulher que teve que desenvolver a sua actividade nestes primeiros cuidados de limpeza e de arranjo vem bonita, vem disposta para o seu trabalho diário; teve tempo e necessidade de sacudir a moleza das últimas horas de sono e sente-se naturalmente forte e alegre.

Virginia de Castro Almeida.

A nova autoridade

E' preciso criar uma escola policial

Foi investido no cargo de administrador do concelho de Guimarães o sr. António Caires Pinto de Madureira, antigo e estimado recebedor desta comarca.

O acto, que se realizou no sábado preterito, pelas 16 horas, esteve bastante concorrido. Além de muitos dos seus amigos pessoais e políticos, assistiram o auto de posse os srs. Bento de Oliveira, governador civil, substituto; dr. Domingos Pereira, deputado; Marques Azevedo, commissário de policia de Braga; dr. Francisco Moreira Sampaio, presidente do Senado Municipal; Mariano Felgueiras, presidente da Comissão Municipal; dr. Eduardo de Almeida, por si e como representante deste semanário; José Fernandes Guimarães, pelo Centro Republicano de Guimarães e muitas outras entidades representativas do Partido Republicano Português local.

A cerimonia não teve discursos encomiásticos nem meute promessas por parte da nova autoridade. Tanto melhor. Os elogios, como as promessas, nem sempre servem a verdade, antes algumas vezes a atraçoam.

A nova autoridade administrativa, digamos de principio, não rogou o lugar de que solenemente foi investido. Foram os seus correligionários, foram as comissões politicas que pelo seu voto o escolheram para o alto cargo. Esta circunstancia, já pouco vulgar nestes tempos de insofridas vaidades, é uma prova de clara simpatia, é uma demonstração de segura confiança que o seu partido lhe oferece.

O que resta? Que ele firme uma e outra pela isenção superior da sua conduta. Que ele honre a República, pois que é, mais do que um Partido, o próprio regimen que representa.

Na administração do concelho de Guimarães fazia-se mister uma autoridade que, entre outras coisas, trabalhasse no depuramento da corporação policial que lhe está affecta. A policia civil desta cidade, que custa ao município mais de 2 mil escudos por ano, é necessário que esteja à altura desse sacrificio. Cumpra à nova autoridade realizar essa obra.

Como? Lançando as bases duma escola de aprendizagem policial,—uma escola onde cada guarda aprenda a criar aquella noção dos seus deveres perante os serviços de ordem pública.

Já aqui, noutra oportunidade, dissemos desenvolvida e claramente qual a maneira de criar essa escola prática de fazer policia. (Simplesmente então ouvimos dizer — que não havia vagar!)

Agora, que temos entre nós

para o policiamento rural e cidadão uma força da guarda republicana, não pode, em rigor, apresentar-se como motivo de impossibilidade a falta de tempo a dispender com esse ensino.

Além disto, temos aí um novo chefe de policia, de certo possuido de boa vontade para, de sua parte, desejar dar prestígio á corporação, educando os seus subordinados.

Estabeleça, pois, a presente autoridade uma escola de aprendizagem a dentro da esquadra a cujos serviços superintende, e assim terá realizado uma obra de utilidade, para a qual só se requer espirito de iniciativa, de energia... e um pouco de trabalho.

Sem este desideratum realizado, o papel dum administrador do concelho é sempre limitado, visto que os seus agentes mais directos são — os membros da policia civil.

Não se pode compreender o quasi sistemático alheamento das nossas autoridades administrativas pelo que vai ou se passa com a policia. Sendo o administrador do concelho, por assim dizer, o seu commissário, a ele cumpre em primeiro lugar imprimir orientação, dar carácter, numa palavra: a élle compete fazer valer a corporação policial.

Eis porque a escola de aprendizagem tem de ser, precisa de ser, é urgente que seja — obra da nova autoridade.

Não estranhará o nosso amigo que juntemos ás nossas palavras de felicitação, por o vermos investido dum alto cargo de confiança, estas considerações de ordem prática correspondentes ao exercicio dessa função.

O nosso melhor empenho consiste em ver o nosso querido amigo assinalar a sua passagem pela administração do concelho por maneira a poder dizer-se dele que, não obstante não ser republicano dos históricos, sabe tirar do desempenho do seu cargo exemplos de actividade administrativa, de abnegação e de civismo que muitos dos históricos não revelaram.

Sendo por esta maneira, de bom grado esqueceremos a velha opinião assente em nós — de que funcionários públicos não deviam exercer funções de carácter administrativo — tanto mais para esquecer quanto é certo que a nomeação do sr. António Caires Pinto de Madureira não obedeceu senão a uma indicação do seu Partido, que nele viu, com fundada justiça, um lial e devotadissimo correligionário, com excellentes qualidades para bem honrar e servir a causa da República.

A batata—O sr. António Caires Pinto de Madureira, administrador deste concelho, conseguia alterar o preço da batata, vendendo-se desde ante ontem ao preço seguinte: 1.ª qualidade, 256, 15 quilos; 2.ª, 242 e 3.ª 224.

A moral prática

Orgulhosos e carneiros de Panurgo

Toda a idea nova tem dois opositores intolerantes: os fracos de espirito ou de vontade e os orgulhosos.

Os primeiros, carneiros de Panurgo, timoratos, pouco inteligentes, desvairam-se quando á sua rotina se lhe muda alguma coisa. Os outros protestam por orgulho.

Se nos examinarmos, surpreenderemos um movimento de mau humor contra quem se permite não ser da nossa opinião.

Julga-se mais inteligente do que os outros? Toma-nos por loucos?

Tal nos faz pensar o nosso orgulho. Se fórmos bons, reprimiremos esta má inclinação, escutamos e reflectimos. O orgulhoso, esse recusa-se a ouvir e procura impedir que o adversário fale.

A matilha que uiva

Nunca se poderá apreciar o mal que tais intolerantes teem feito á humanidade. Apoiados no vulgo ignorante, teem feito impiedosa guerra aos intelectuais audaciosos, aos inventores, áquelles a quem devemos o progresso.

Lembre-mos de Fulton, construtor do primeiro vapor, arruinado e desesperado pelo odio dos seus contemporâneos; Jacquard, inventor do tear, e na ordem do pensamento, Sócrates condemnado a beber cicuta, Cristo crucificado, Lutero obrigado a esconder-se, Galileu a retratar-se, Descartes a refugiar-se na Holanda, Spinoza excomungado, Augusto Comte revogado, Tolstoi anatematizado, etc.

Sim, os benfeitores da humanidade, os pensadores tiveram de lutar contra a matilha ululante dos preconceitos, da rotina, do orgulho e dos erros ameaçados pela verdade.

Sejamos tolerantes!

Nada de imposições, senão o respeito pela lei da justiça, sem o qual a sociedade se dissolve; é o regresso á ignorância, ao estado selvagem.

O descrente justo é honesto; hade ser marido leal, bom pai de familia, bom operário, e cidadão de probidade.

Há-de ser mais estimável do que um crente avaro, brusco, egoista. Portanto, nunca nos occupemos das crenças: só a conduta nos torna apreciados.

O que nos separa

E' a intelligência que menos nos separa: a região em que estamos divididos, é a região baixa onde ruga o egoismo, o orgulho, a inveja, o odio, etc. Pelo contrario, quanto mais cultivada fór a nossa intelligência tanto mais conheceremos quanto o respeito pela justiça é necessário para que possamos desenvolver a energia e a intelligência.

Quanto ás intelligências «paradoxais» que defendem doutrinas consideradas perigosas, são uteis: obrigam-nos a «confrontar» as crenças com os factos.

Quando julgamos um recibo falso confrontamo-lo com o talão donde foi tirado: assim, quando atacarem as nossas ideas devemos confronta-las com a realidade para vermos se são ou não falsas.

Não é mau que, de tempos a tempos, alguém se lembre de que tal ponte por onde há muito se passa ameaça ruina: verifica-se e compõe-se, se assim o exige o seu estado.

Não confundamos os escrivinhadores que excitam as paixões baixas com os pensadores desinteressados.

Julio Payot.

O RISO

*Hei de passar a minha vida lenta
Continuando a rir com um boémio,
Porque o riso que eu tenho, é irmão gémeo
Da desventura que me ampara e alenta!*

*Sinto minha alma de prazer sedenta!
E ao mesmo tempo vejo que ela temo.
O' ironia! deves ser o prêmio
Que me consola e os risos meus aumenta!*

*Nas horas tristes da agonia, eu quero
Que me não veigue a dor e o desespero,
Nem dos meus ais se escute o longo côro!*

*É desejo que sobre a minha covia,
Nasça uma flor risonha, estranha e nova,
Como um protesto alegre contra o chôro;*

Hamilton de Araújo.

OS ACONTECIMENTOS de 27 de Agosto

Os presos são entregues ao tribunal militar

O sr. dr. António Carlos Alves, nomeado para investigar sobre os acontecimentos politicos ocorridos em Braga e Guimarães no dia 27 de Agosto, deu por terminados os seus trabalhos, que tinham principiado no dia 21 de Setembro, entregando ao tribunal militar os processos e os presos contra quem pode encontrar-se elementos de culpa.

O sr. dr. Carlos Alves trabalhou dia e noite, tendo feito e mandado escrever 93 interrogatórios e 78 acareações e ouvido 38 testemunhas, além das que foram inquiridas pelas autoridades de Fafe, Guimarães e Braga. Dos presos, que eram 35 de Braga, 47 de Guimarães e 2 da Trofa, foram postos em liberdade 31, por não se ter apurado coisa alguma que os compromettesse.

Os detidos tiveram todas as garantias da defeza e ampla liberdade para demonstrarem a sua inocência, tendo sido ouvidas testemunhas de defeza e procurando-se, acima de tudo, apurar a verdade. Assim, averiguou-se que se tratava dum movimento monárquico, mascarado de nacional, bastando saber-se que era dirigido por Miguel Soto Maior, Correia Montez e António Machado. Este último era o elemento de ligação entre os de Braga e Guimarães. Confiava-se, sobretudo, na sublevação do Minho, que era o ponto de resistência. Iniciado ali o movimento, procurar-se-ia conseguir que as outras provincias se sublevassem e aderissem, no intuito de provocar a intervenção da Hespanha com um ultimatum para ser sufocada a rebelião, ou impondo a monarquia, se os monárquicos não venessem.

Contava-se com o exército, com os despeitados, desgostosos e agravados, ainda que republicanos. Estes trabalhariam contra si próprios, porque o fim era aproveitar-lhes as forças e fazê-los actuar em proveito dos monárquicos.

Em Braga, foram distribuidas pistolas e apreenderam-se bombas, o que mostra preparação de certo cuidado. Em Guimarães penetraram no quartel, de onde chegaram a subtrair armas. O armamento dos civis seria feito nos quartéis.

O sr. dr. Carlos Alves deu á investigação uma orientação juridica, visto ser juridicamente que teem de actuar os tribunais.

No tribunal militar formar-se-á a culpa áquelles contra quem houver elementos bastantes; os outros serão postos em liberdade, segundo o critério do tribunal, que é que tem de apreciar e resolver.

Ao tribunal criminal foi entregue Carlos Ferreira, de Guimarães, que prestou declarações cheias de falsidades. Ao mesmo tempo foi restituído á liberdade

A missão da força

H. Hausser, professor da Universidade de Clermont, do qual já em outro ensejo criticamos algumas afirmações por não concordarmos com elas, diz a respeito do militarismo:

«...importa definir a palavra militarismo. Se se entende por isso tam sómente a necessidade que as nações teem de resistir ás aggressões e de se prepararem para a defeza do direito, parece-nos quimérico condemnar em absoluto uma tal instituição, pois se ela é um mal, esse mal é necessário.

«Pelo contrario, é elle considerado como uma tendência geral dos chefes militares para se considerarem como uma classe especial, privilegiada, á qual se devem subordinar os interesses gerais?»

«Neste caso, os maus efeitos do militarismo são evidentes. No ponto de vista intelectual e moral é o principio da autoridade, ou antes, o direito do mais forte substituindo-se ao livre exame e á autonomia da consciencia; é a noção material da obediencia sobrepondo-se á noção moral do dever.

«No ponto de vista fisico e económico, elle é a inutilização duma parte das forças vivas da nação...

Depois acrescenta que o militarismo só deve ser considerado como um meio de ocorrer á conservação da nação e jámais como um fim.

Principalmente em politica, acha elle que seria nocivo dar esta última significação ao termo, pois que só deve existir na medida em que é necessário, como sucede a outras instituições ou organismos da vida nacional: ensino público, telégrafos, caminhos de ferro, etc., terminando por acentuar que elle, o militarismo, não tem nenhum direito a dirigir a vida nacional, o que seria tanto mais perigoso quanto é certo ser o exército o depositario da força.

O que torna as ideas odiosas, ou pelo menos antipáticas (acrescentamos nós), é o abuso que delas se faz, é a violencia que se opera no sentido de exagerar o seu valor. Assim, desde que a classe militar pretendeu sair fora dos limites naturais da sua missão, nasceu o anti-militarismo que, diga-se em honra de todos, nos estados onde a força pública tem por dever conservar a integridade nacional, e não conquistar novos territórios, não tem conseguido penetrar e por consequência prejudicar a ninguém e menos as instituições militares que assim também mostram compreender a verdadeira missão dos exercitos modernos.

W. Goodness.

Manoel Joaquim Alves, de Guimarães.

Os presos agora á disposição do tribunal militar, mas que se encontram ainda no antigo paço episcopal, são os seguintes:

De Guimarães — António Ferreira de Meló Guimarães, Manoel Martins Ribeiro da Silva, José Cardoso, António Martins da Silva, Joaquim de Souza Fernandes, Maximino José Ribeiro, António Mendes Ribeiro de Vasconcelos, Manuel Fernandes Rademaker, Sebastião Ribeiro da Costa, Francisco de Castro Casais, Domingos Gonçalves, José Machado de Oliveira, Custódio Lopes, Manuel da Silva, Jerónimo Vicente da Costa, Domingos Martins, António da Silva, José Lima da Silva, Manuel António Felix, José Alves Gomes de Abreu, Pedro de Freitas, João Antonio de Freitas, Miguel Ribeiro, Antonio Ribeiro, António Carreira, João Lopes, Francisco José Fernandes, António Fernandes Pereira, Joaquim Ribeiro, Manuel Pinto de Almeida Costa Alemão e Joaquim José Pereira.

Comissão Executiva
DA
Câmara Municipal

Sessão ordinária de 15 de Outubro de 1915

No dia 15 do corrente, pelas 21 horas, reuniu, em sessão ordinária, a Comissão Executiva da Câmara Municipal sob a presidência do cidadão vereador Clemente Dias Pereira, achando-se presentes os cidadãos vereadores Ilídio Dias, Júlio Cardoso, Martins Pereira, António J. Ribeiro e José F. Guimarães.

Balanço—Foi presente o balanço referente à semana finda, que acusa os seguintes saldos:

Em depósito na Caixa Económica,	1:000.000
Idem na Caixa Geral dos Depósitos	4:982.230
E em dinheiro no cofre	4:705.775
Total	10:688.007,5

Zeladores—Ficou inteirada da nota do serviço dos zeladores municipais, referente aos dias 8 a 14.

Guarda Republicana—O comandante do 5.º batalhão da Guarda Republicana informa já se achar instalada nesta cidade a Guarda que pertence a este concelho. Inteirada.

Escola—O inspector escolar deste círculo comunica que foi autorizado superiormente a adquirir, por arrendamento, o edificio para a escola de Polvoreira. Inteirada.

Licenças—Foram presentes alguns requerimentos para licenças de obras, os quais baixaram todos á respectiva repartição, para dar parecer.

A's 22 1/2 horas foi encerrada a sessão.

Associe-se os lavradores!

Porque não ha nada mais necessário na vida dos homens do campo do que essa necessidade máxima de se unirem nos Sindicatos, de se protegerem mutuamente e de mutuamente se auxiliarem. Só uma couraça de aço, de três ou mais chapas de aço, pôde ainda vedar os olhos do lavrador rotineiro, para o não deixar ver o que é claro e não precisa de demonstração e que todos os outros veem sem auxilio de lentes.

Eu desafio o lavrador rotineiro mais caturra a sentar-se por meia hora, á sua banca, ou sobre uma pedra tósca do caminho, com um lapis e um papel na mão, para fazer as contas dos lucros que tira de ser sócio dos Sindicatos Agrícolas.

Pense nos abatimentos que tem, por comprar por junto, os adubos químicos e os sulfatos e enxôfres.

Pense na pureza dos géneros que compra por meio dos Sindicatos, que, quando bem administrados, nunca devem deixar de sujeitar os géneros a adquirir a uma séria análise química, que não deixe passar gato por lebre e que estejam, por esse facto, sempre superiores a qualquer critica dos seus associados.

Só nisto, só neste ponto, o lavrador rotineiro nem sequer sabe calcular os enormes prejuizes que sofre por fazer vida separada e viver, como bicho bravo, fóra dos grémios da sua classe e apegado á sua teima, como a terra se apegá, em dias húmidos, ás relhas do seu arado.

Ouca bem esse lavrador rotineiro: este ano, perderam-se centenas de pipas de vinho; porque os males foram muitos e constantes e persistentes. O mildiu e o

oidium não largaram a pobre videira.

Não sei se olharam para este facto, aliás bem notável e bem visível: quando os grãos do cacho atingiam aí o volume do chumbo de caça n.º 5, o mildiu tolheu-lhes, nessa altura, o desenvolvimento e dois terços das nascença—falo pelo que vi—foram-se por água abaixo.

Depois, nunca mais deixou de chover mildium e oidium sobre essas pobres videiras, atacando valentemente o pedicelo do cacho e a própria vara.

O mildiu, este ano, foi de tumbar á cova. Foi horrível.

Deve entretanto notar-se, porque é verdade, que quem andou a tempo e horas, com as curas de sulfatos e enxôfres bons salvou ainda muito vinho.

Quem comprou fóra dos Sindicatos, nas vendas e onde pôde, perdeu todo o seu tempo, o seu dinheiro e feito.

Dizia «O Lavrador», que os enxôfres, este ano eram mal mofados e que não aderiam á videira.

Pois eu acrescento que se vendeu por aí muita tinta por agua de cheiro e que tanto os sulfatos como os enxôfres, comprados por aí á tóa, não prestavam para nada e foi dinheiro que se atirou ao mar.

O meu amigo lavrador rotineiro, pelo que lhe deixo dito, já deve saber tirar a conclusão a que eu quero chegar.

A conclusão é esta, como deve ter calculado: por ser um grandíssimo caturra e rotineiro, que não se atreve a sair das normas dos seus antepassados, e ainda não anda em comboio por que os seus avós nunca andaram, o sr. perdeu, este ano, pelo menos, dois terços do vinho que podia colher, se é que não perdeu a colheita toda.

Mas vejamos, o caturra é o animal que ha mais avesso e refractario ás regras da razão.

O que é preciso é leva-lo a comparar, a confrontar, a raciocinar.

Lavradores, á união, aos Sindicatos, onde o pouco dinheiro que se gasta luz como ouro em pó, nas vinhas, nos trigos, nos milhos.

P.º Amorim.

(Da «Lavoura do Minho».)

A actual colheita de vinhos

Para se poder calcular o enorme desastre que os principais países vinhateiros na Europa sofreram pela invasão do mildiu e de outras causas de destruição das uvas, citaremos o seguinte:

Colheita de 1914 (em números redondos):

França, 60.000:000 hectolitros; Itália, 43.000:000; Hespanha, 16 milhões.

Colheita provavel em 1915:

França, 20.000:000 hectolitros; Itália, 24.000:000; Hespanha, 6 milhões.

Na Argélia: em 1914, 10.000:000; em 1915, 4.000:000.

Por estes números vê-se que o desastre representa a destruição de 75.000:000 de hectolitros de vinho, equivalente, em pipas de 500 litros, de 15 milhões de pipas.

Não há memória de se ter produzido uma tal diminuição nas colheitas de vinho.

A colheita em Portugal não será superior a 4.000:000 de hectolitros, o que representa uma colheita escassa, visto que a produção já tem sido de 6.000:000 de hectolitros de vinho.

Os preços de vinho em Itália, Hespanha e França, principalmente em França, tem augmentado extraordinariamente. São inúmeros os pedidos feitos para Portugal para fornecimento de vinhos para Bordeus, Paris, etc., estando já entre nós commissários de casas francezas e sendo outros esperados brevemente.

Algumas compras se tem rea-

lizado de vinhos da colheita de 1914, havendo já ofertas importantes pelos que se estão agora vindimando, mas ninguém pôde presumir até onde irá a França para cobrir um deficit de 40.000:000 de hectolitros, quando o não pôde adquirir em Hespanha nem na Itália, e Portugal apenas lhe poderá fornecer pouco mais de um milhão de hectolitros de vinho, dado o consumo no paiz, exportação e ainda porque se tem destilado muito vinho e muito mais se está beneficiando.

Do Seculo.

Os animais na guerra

Obra internacional da Estrela Vermelha

Em Génève, na mesma sala, onde há 50 anos se fundou a Cruz Vermelha, constituiu-se, recentemente, a Aliança Internacional da Estrela Vermelha, agrupando num laço comum todas as associações que se destinam á protecção dos animais nos diversos países do globo, com o fim de serem prestados os socorros eficazes, prescritos pela sciência veterinária, aos animais feridos ou inutilizados em campanha, realizando o curativo dos que sejam susceptíveis de cura, e dando morte rápida, humanitária, aos que sejam julgados irremediavelmente perdidos, pondo assim termo aos seus sofrimentos.

Uma tam generosa obra, não podia deixar de encontrar entre nós a mais calorosa e entusiástica adesão, dados os sentimentos de altruismo da raça portuguesa. As Sociedades Protectoras de Animais, de Lisboa e Porto, aquella fundada em 1875 e esta fundada em 1878, aderiram desde logo a essa Aliança Internacional, constituindo a primeira o Comité Nacional Português da Estrela Vermelha, e a segunda o Comité Regional Portuense, da mesma benemerita e prestimosa instituição.

Ambas estas sociedades fizeram publicar agora uma interessante brochura, profusamente ilustrada, com o intuito de angariar donativos que as habilitem a instituir postos veterinários de campanha quantos sejam possíveis, providos do indispensável material médico cirúrgico, para serem utilizados no caso de guerra entre nós, brochura que é enviada gratuitamente a quem a requisitar, por meio de um simples postal, ás respectivas sédes sociais: em Lisboa, na rua de S. Paulo, 55; no Porto, na praça da Liberdade, 26, para onde também devem ser dirigidos todos os donativos, em dinheiro ou em géneros, com os quais as almas generosas queiram contribuir para uma obra de tam vasto alcance, não só humanitário como patriótico.

Agradecemos o exemplar da referida brochura, que as benemeritas sociedades enviaram a esta redacção.

Graça alheia

Um padeiro fóra reduzindo de tal forma os seus pãesinhos de vinlem, que já isso se tornava escandaloso. Uma vez bateu á porta de uma das suas freguêsas.

—Quem é?

—O padeiro.

—O que quer?

—Venho trazer o pão.

—Então para que faz tanto barulho? Meta-o pelo buraco da fechadura.

Auto-omnibus—E' estabelecida em breve a carreira de auto-omnibus entre esta cidade e a de Braga.

Noticias

Nomeação—Foi definitivamente nomeado, escrivão do 2.º officio o sr. Manuel Ribeiro de Sousa Mascarenhas.

Parabéns ao nosso amigo, cuja nomeação é muito justa.

Liceu—Realizou-se no sábado passado a abertura do liceu. O discurso de abertura foi proferido pelo digno reitor d'aquelle importante estabelecimento de ensino, sr. José de Pina.

Instrução Militar Preparatória—Foram nomeados para ministrar a Instrução Militar Preparatória no concelho de Fafe, aos domingos, os 2.ºs sargentos de infantaria 20, srs. José Coutinho e António Barroso.

Cinema Chantecler—Agradaram por completo as fitas de domingo último exibidas neste cinema.

Domingo representar-se-há a pellicula de grande successo **Os dramas no circo ou Amores Tragicos**, em 3 partes.

Expedição para Angola—E' amanhã que no comboio correio das 4 horas partem com destino a Angola a 9.ª e 10.ª companhias do regimento de infantaria 20. A expedição é composta dos seguintes officiais: capitão da 9.ª companhia, Joaquim Pereira dos Reis; idem da 10.ª, Fernando Braga Barreiros; tenentes José Vieira de Faria e Anibal de Barros; alferes Francisco Martins Fernandes Júnior, Jaime Ilídio Cerqueira e Vasconcelos, Manuel de Abreu Ferreira de Carvalho e Gaspar Ferreira Paul e alferes médico meliciano Manuel Fernandes da Silva Júnior.

Neurologia—Sucumbiu na passada segunda-feira, nesta cidade, o sr. José Maria de Oliveira. Enviamos sentidas condolências á familia enlutada.

Em greve—Estão em greve os gráficos da vizinha cidade de Braga, pelo motivo de os industriais se recusarem a dar as 8 horas de trabalho, conforme a lei preceitua.

Pelo mesmo motivo deram-se tumultos em Coimbra, por alguns estabelecimentos não acatarem o horário estabelecido.

Quando a terra treme!!!—E' este o titulo da surpreendente pellicula que vai ser exibida no próximo domingo no High-Life Cinema, em 3 partes, com vistas formosissimas, e de surpresas extraordinárias. Esta fita que já foi anunciada nesta cidade mas que não se chegou a exhibir, volta de novo, por a empresa ter informações de que esta fita é verdadeiramente um assombro. Além desta vai também a fita de arte **Creada Milionaria** em 2 partes, cómica, com passagens verdadeiramente hilariantes cheia de graça e arte. 2 sessões, ás 6 1/2 e 9 horas.

Desastre e morte—No sábado passado, pelas 8 horas, deu-se um lamentável desastre no local do Propôsto, em que foi vítima Joaquim Francisco, o «Barbinhas», de 28 anos, casado, morador no lugar do Outeiro, freguesia de Pencilo, deste concelho.

Foi o caso que andando ali juntamente com os seus companheiros a cavar saibro para altear os passeios laterais do jardim publico, teve a infelicidade de cair sobre elle uma banqueira de terra, matando-o instantaneamente, motivo porque os trabalhos paralizaram por completo.

EDITAL

(1.ª Publicação)

A Comissão Executiva da Câmara Municipal do concelho de Guimarães

Faz saber que no dia 29 do corrente mês de Outubro, pelas 12 horas, nos Paços do Concelho, tem de arrematar-se em hasta pública a obra de construção de terraplanagens, obras accessórias e aquedutos da parte do lança da estrada concelhia n.º 14, de Tagilde á Torre do Idferno, lança de Tagilde a S. Paio de Vizela, parte compreendida entre os perfis números 33 a 81, na extensão de 702m,38 sob a base de licitação de 750\$00 escudos.

As condições estão patentes na Secretaria da Câmara para serem examinadas pelos interessados.

E para constar se passou o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares mais públicos.

Paços do Concelho de Guimarães, aos 9 de Outubro de 1915. E eu José Maria Gomes Alves, chefe da secretaria da câmara, o subscrevi.

O Vice Presidente,

José Rodrigues Leite da Silva.

EDITAL

(2.ª Publicação)

A Comissão Executiva da Câmara Municipal do concelho de Guimarães:

Faz público que se acha aberto concurso por espaço de vinte dias, a contar da data deste, para o provimento de uma vaga de guarda dos impostos indirectos municipais, com direito ao vencimento diário de quarenta centavos e metade das multas que por sua intervenção forem applicadas e arrecadadas, com as obrigações constantes do respectivo Regulamento aprovado em sessões de doze e desaseis de Setembro de 1914.

Os concorrentes deverão instruir a sua petição com os seguintes documentos:

- Certidão de idade.
- Certidão do registo criminal.
- Atestado de bom comportamento passado pela autoridade policial ou administrativa.

Documento de que não soffrem de moléstia contagiosa e possuem a robustez necessária para bem desempenharem os deveres do cargo a que concorrem e não tem defeito fisico que de tal os iniba.

Quaisquer outros documentos que julguem conveniente para cemprouar a sua competência.

Nenhum guarda pode ser nomeado sem que tenham mais de 21 anos e menos de 40.

E para todos os efeitos legais se publica o presente e outros de igual teor nos lugares do costume e estilo e num periódico de cá da terra.

Guimarães, 12 de Outubro de 1915. E eu José Maria Gomes Alves, chefe da secretaria, o subscrevi.

O Vice Presidente,

José Rodrigues Leite da Silva.



Casa Penhorista Vimaranesense

Fundada em 1880

Propriedade de **PEIXOTO & ROCHA**

legalmente habilitados

Operações sobre valores de ouro, prata, platina, pedras preciosas e papeis de crédito

Rua da República, 144—GUIMARÃES

OS JESUITAS (1)

O seu catecismo

A *Mónita Secreta* é o catecismo secreto dos Jesuítas, que, interessados nisso, tem negado o texto respectivo.

Este documento foi colleccionado sobre o manuscrito latino proveniente da successão do padre Brothier, último bibliotecário dos jesuítas de Paris antes da revolução, e está conforme a edição de Paderborn de 1661, assim como ao manuscrito autêntico que se encontra nos arquivos do reino da Bélgica, no palácio da justiça de Bruxelas, sob o seguinte título:

Secreta mónita ou avisos secretos de la Société de Jesus (2).

Eis a história deste manuscrito, ao qual falta uma folha, e que está catalogado sob o número 730.

Por ocasião da expulsão dos jesuítas, em 1773, esta ordem possuía nos Países Baixos, entre diversas propriedades importantes, um colégio em Ruremonde, provincia do Limburgo holandês. O governo nomeou uma comissão para tratar da liquidação dos bens da Companhia, e o conselheiro Zuytgens foi enviado especialmente a Ruremonde, a fim de proceder ao inventário.

Sendo, porém, suspeito de pretender, por complacência para com os padres, esconder certos livros, recebeu da Comissão or-

dem expressa para remeter imediatamente e sem excepção todos e quaisquer papeis. Entre elles foi encontrado o manuscrito da *Mónita Secreta*.

A prova de tudo isto acha-se nos arquivos de Bruxelas, no *Protocolo das deliberações do comité estabelecido para tratar dos negócios resultantes da supressão da Sociedade dos Jesuítas, nos Países Baixos*.

A *Mónita Secreta* divide-se em capitulos, dos quais vamos, em resumo, dar as principais instruções:

CAPITULO PRIMEIRO

Para captarem as simpatias dos habitantes da povoação em que pretendem estabelecer-se (os jesuítas) torna-se necessário praticar actos da maior humildade, visitando os pobres, os alitos, os presos, fazendo-se amar pela pratica de acções caritativas, dando esmolas aos pobres; não adquirir terreno senão a titulo de emprestimo e extorquir ás viúvas ricas as maiores somas, fazendo-lhes ver a sua extrema necessidade.

CAPITULO SEGUNDO

Travar relações com as pessoas principais da povoação e animá-las, mesmo nas suas acções odiosas, para depois se fazerem seus protectores e aliados; captar as graças dos príncipes e dos seus criados, oferecendo a estes pequenas dividas para conhecerem as inclinações dos amos; descobrir os pensamentos mais secretos das familias por meio das criadas de quarto.

CAPITULO TERCEIRO

Procurar a protecção dos poderosos, empregando-a contra os inimigos da Companhia e servir-se, em segredo ou tacitamente, dos nomes dos grandes na aquisição de bens temporais.

CAPITULO QUARTO

Não se intrometer nos negócios públicos, metendo porém neles amigos dedicados e poderosos; pesquisar e publicar com prudência as faltas dos outros religiosos, fazendo opposição áqueles que pretendam fundar escolas para instruir a juventude.

CAPITULO QUINTO

Evitar a instalação das escolas estranhas á Companhia, a quem deve ser

exclusivamente confiada a mocidade, fazendo-se crer aos príncipes e aos magistrados, que só o seu ensino evitará a perturbação dos estados.

CAPITULO SEXTO

Escolher, para visitar as viúvas, padres de uma compleição viva e de conversação agradável; afastar as viúvas da vida mundana, modificando prudentemente a direcção da sua casa, fazendo com que pouco a pouco se vão despedindo os seus criados para serem substituidos por outros dedicados á Companhia; aconselhá-las a que se não confessem amudadas vezes para irem conhecendo o seu modo de pensar; defender as vantagens do estado de viuvez e mostrar os inconvenientes do casamento, propondo-lhes pretendentes que sabem que as viúvas odeiam, caluniando aquêles que lhes pretendem agradar e impellido o convívio com os homens.

CAPITULO SÉTIMO

Habituar as viúvas a darem todas as semanas uma esmola para Jesus Cristo, para a Virgem Santa, para outro qualquer santo ou egreja, «até que sejam inteiramente despojadas das primicias e despojos do Egipto», deixando-as entrar no jardim e no collegio, contanto que isso se faça secretamente, permitindo-lhes que se recreiem em segredo com aquêles que mais lhe agradarem.

Se fizerem voto de castidade, que o renovem duas vezes por ano, segundo o nosso hábito, concedendo-lhes nesses dias um recreio honesto com os nossos; tratá-las com meiguice nas confissões e fazer com que ellas deixem de visitar as outras igrejas e governar-lhes a casa em segredo. Os confessores deverão guiá-las de forma que paguem ordinariamente penções e tributos annuaes ás casas professas, para que prodigam, especialmente á casa professa de Roma, saldando-lhe as dividas.

CAPITULO OITAVO

Aconselhar as mães a que recusem aos filhos vestidos luxuosos, mostrando-lhes as difficuldades do casamento e os encantos do celibato, conduzindo-as por forma que façam aborrecer as filhas de viverem com as mães e pensem em se fazerem religiosas, praticando o mesmo com respeito aos filhos.

CAPITULO NONO

Os confessores dos poderosos, dos reis, das viúvas, não devem deixar escapar occasião alguma de adquirirem bens temporais e recebê-los logo que lhes sejam oferecidos; indagarão dos penitentes o seu nome, a sua familia, os seus parentes, os seus amigos e a sua fortuna; informar-se-hão das suas successões, do seu estado, das suas in-

tenções e resoluções; torná-los-hão favoráveis á Companhia, fazendo o mesmo com os burguezes ricos e casados sem filhos, dos quais pode vir a ser herdeira. Quando um confessor encontrar uma penitente de fortuna avisará logo o reitor e procurará por todos os meios captar-lhe as simpatias. Quando um individuo tiver um filho único, deve inspirar-se a este toda a sorte de receios de seus pais, mostrando-lhe quanto seria agradável a Deus o sacrificio de abandonar o lar doméstico, ás ocultas dos pais. Conseguido isto, enviá-lo-hão para um noviciado muito afastado, prevenindo o Geral. Induzir as viúvas e outras personagens importantes a dar toda a sua fortuna á Companhia, reservando-se unicamente o usufruto.

Ter médicos dedicados junto dos enfermos para que sejam chamados nos últimos momentos.

Dizer ás mulheres casadas que lastimam a vida desregrada de seus maridos, que podem ceder em segredo algumas somas para expiar os pecados de seus maridos e obter do céu o seu perdão.

CAPITULO DÉCIMO

Despedir da Companhia qualquer individuo que mostre mais afeição á sua familia do que á Companhia, despedindo igualmente todos os outros que mostrarem escrupulo em adquirir bens para ella.

CAPITULO DÉCIMO PRIMEIRO

Alcançar daqueles que são despedidos a promessa escrita ou por meio de juramento que jámais dirão ou escreverão coisa que prejudique a Companhia; escrever a todos os colegas, mal-dizendo os que tiverem de ser despedidos, «exagerando os motivos do seu afastamento»; espionar e tornar público tudo o que apurarem contra elles. Se, porém, não praticarem actos dignos de repreensão, deverão atenuar por meio de discursos tudo o que poderem fazer digno de louvor.

CAPITULO DÉCIMO SEGUNDO

Conservar na Companhia os confessores dos grandes e todos aquêles que conheçam segredos, assim como os velhos que servirão para contar aos superiores as faltas que notarem entre os outros, afim de se evitar a má reputação da Companhia. Igualmente serão conservados os homens ricos «até ao momento em que se resolvam a fazer doação de toda a sua fortuna á Companhia, que não lhes deve recusar coisa alguma, mas logo que a doação seja um facto, começarão a mortificá-los como aos outros».

CAPITULO DÉCIMO TERCEIRO

Escolher os mancebos espirituosos, elegantes, nobres e ricos, rodeá-los de uma particular afeição, mostrando-lhes

quanto a Deus é agradável que lho consagrem a sua vida com tudo que possuem, ao mesmo tempo que lhes vão oferecendo algumas dádivas e, se não obedecem ao chamamento divino, então amedrontá-los com as penas eternas.

Adverti-los de que não devem participar a sua vocação a nenhum dos seus amigos, nem a seus próprios pais, enquanto não derem entrada na Companhia, separar os filhos de suas familias, mandando-os para universidades longinquas.

CAPITULO DÉCIMO QUARTO

Afastar da Companhia todo aquêlle que alguma vez tenha praticado algum mau acto contra ella, contra a sua honra ou proveito próprio. Se um confessor souber, por pessoas estranhas que se cometeram atos vergonhosos com alguma pessoa da Companhia, não deve absolvê-las sem que primeiro digam o nome daquêlle com quem pecaram e, dizendo-o, fazê-las jurar que nunca o dirão a ninguém, sem que a Companhia lho consinta. Se dois jesuítas tiverem pecado, por obras, contra a castidade, aquêlle que o declarar primeiramente será conservado na Companhia, sendo o outro expulso. Maltratar todo aquêlle que se tenha em vista expulsar, collocando-o sob as vistas de superiores severos, que o afastem de funções honrosas até que comece a murmurar; calumniá-lo, censurá-lo, dar-lhe rudes castigos, humilhá-lo em público, apresentando-o como um individuo pernicioso á Companhia.

CAPITULO DÉCIMO QUINTO

Procurar as confissões das religiosas, pois que as abadessas ricas e nobres, podem servir de grande auxilio á Companhia, tanto por si como por seus amigos e parentes.

CAPITULO DÉCIMO SEXTO

Para não serem acusados de ter amôr ás riquezas, deverão recusar as ofertas de pouca importância; não dar sepultura nas igrejas a pessoas absurdas; proceder com rigor para com as viúvas que já tiverem dado todos os seus bens á Companhia, procedendo de igual modo com as pessoas que estão na Companhia e lhe doaram todos os seus haveres.

CAPITULO DÉCIMO SÉTIMO

Manter secretamente e com a máxima prudência, as inimizades dos grandes entre si, arruinando inclusivamente o seu poder; excitar a guerrearem-se todos os príncipes amigos da Companhia, para que o concurso desta seja pedido por toda a parte, empregando-o na reconciliação pública como causa do bem comum, afim de ser recompensada com altos beneficios e dignidades.

Confeitaria Parisiense

— DE —

DOMINGOS VINAGREIRO & F.^{OS}

Grande e variado sortido em pasteis.	Especialidade em café á chavena da conhecida marca "A Brasileira,,"	Bombons e rebuçados de todas as qualidades.
Variiedade em doces.		Massas e farinhas alimenticias.
Especialidade em doce de ovos.	Serviço de chá	Chá café chocolates e cacau.
Vinhos de mesa, finos e espumosos.	Manteiga da Cooperativa Vimaranesense	Mercearia de primeira qualidade.
Champagnes, Cognacs e licores.		Especialidade em queijo da Serra.
Bolachas Nacionais e Estrangeiras	Lunch's Sandwichs	
das principais fábricas.		

Executam-se encomendas para Casamentos, Baptisados e Soirées.

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assinatura		Preço das publicações	
Ano	1\$200 rs.	Annuncios e comunicados, por linha	40 rs.
Semestre	600 "	Repetição, por linha	20 "
Brazil, ano (moeda forte)	2\$500 "	Permanentes, contracto convencional.	
Número avulso	30 "	Annuncios, não judiciaes, para os rev. assinantes 25 % de abatimento.	

ALVORADA

Ao Cidadão

(1) Estudo escrito por A. Andrei, em seguida á revolução de 1870 e numa occasião em que os Jesuítas mais trabalhavam para fazer da França o seu *Albergue*.

(2) Nota do tradutor: «O Sr. Melo de Moraes, ágrma na sua *Chronographia Histórica do Império do Brasil*, que na biblioteca do Rio de Janeiro existe um autografo da *Mónita Secreta*, que o padre Frei Caminho do Monte diz ter sido encontrado no collegio dos padres da Companhia, em Lisboa, no ano de 1759.»